

Reflexões sobre a proximidade entre território e cidade e as tecnologias na manutenção da língua Akwê-Xerente

Suety Líbia Kwapredi Alves Borges¹
Adalto Pizumêkwa Pereira Xerente
Anderson Simrihu Xerente
Ângela Nêprerê de Brito Xerente
Edimar Darêrkêkwa Xerente
Elivaldo Wakuke Xerente
Genivaldo Cristino Romkre Olegário Xerente
Geovane Simnâkrã Pereira Xerente
Gilmar Smisuite Pereira Xerente
Jacira Sekwahidi de Brito Xerente
Lenivaldo Srâpte Xerente
Luis Fernando Srêwasa Xerente
Manoel Moreno Waikaizapari de Carvalho
Mário André Hêsukamêkwa Coelho da Silva²
Nelson Srêpawê Xerente
Noel Dakawazrêkwa Xerente
Rafael Dakukre Xerente
Romerito Sôzê Xerente
Valdirei Sernâwê Calixto Xerente
Valnice Kuzadi da Mata de Brito
Vanderley Sakruikawê Xerente
Wesley Kupsinã Silva Xerente³

RESUMO

Este estudo traz os resultados de pesquisa realizada na aldeia Funil – em um dos Territórios do povo Akwê-Xerente –, localizada a 12 quilômetros de Tocantínia, estado do Tocantins. A hipótese inicial da pesquisa que, por sua vez, povoa o imaginário coletivo da população Akwê-Xerente, era a de que a língua está ameaçada em razão da proximidade com a cidade e do uso intensivo de novas tecnologias. No entanto, a hipótese não se confirmou. Os/as estudantes puderam concluir que um maior contato com a cidade e com as novas tecnologias trazidas pelas relações com os/as *não indígenas* não são, necessariamente, uma ameaça à vitalidade da língua Akwê.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Akwê. Vitalidade linguística. Proximidade urbana. Novas tecnologias.

¹ Doutoranda em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: suetylab@gmail.com.

² Doutor em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: mario.andrecs@gmail.com.

³ Todos/as acadêmicos/as do Curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: edinterculturalufg@gmail.com.

Kmã wasimãzus kwaba wanĩm Tka, Krikâhâ mē simã romturê nã kãtô rom kburõize wammēze wat kmã prê mnõ pibumã Akwê wasi mrmēze⁴

ROM WASKU KRTURÊ

Kãhã, ãnĩm hãisuka ãt kawaihku, are dure ãt kakburõ wanĩm wawê nõrai hawim hã, tã wasimrmēze wat siptê pibumã aimõ pikrêbba sĩkre mnõ kõ pibumã. Dazakru Sakrêpra Funil tã krikahã krta tetõ aimõ krhêmba. Tanêmmê watõ aimõ sipa snã wahêmban, are adu ktãwankõ mrmēze sbre kõdi, are wanõrĩ hãisuka zanãmrkwa dawanã waza wasimrmēze prê snã kmãdkãn.

DAMRMÊZE ĨSENÃ HÃ: Wasimrmēze. Siptêze. Ktãwankõ mrmēze. Sakrêpra.

Reflections on the proximity between the territory and the city and technologies for Akwê-Xerente language maintenance

ABSTRACT

This study presents the results of the research carried out in the Funil village - one of the territories belonging to the Akwê-Xerente people -, located at a distance of 12 km from Tocantĩnia, state of Tocantins. The initial research hypothesis, that also inhabits the collective imaginary of the Akwê-Xerente people, was that their language is threatened due to their proximity to the city and to the intensive use of new technologies. However, the hypothesis has not been confirmed. The students were able to conclude that a greater contact with the city or with new technologies resulting from contact with the *non native*, does not necessarily pose a threat to the vitality of the Akwê language.

KEY WORDS: Akwê language. Language vitality. Urban proximity. New technologies.

Introdução

Este trabalho é produto da discussão empreendida em uma etapa de estudos, em Terra Indígena Xerente, com os acadêmicos e as acadêmicas Akwê-Xerente⁵ – turmas de 2014 a 2018 –, do Curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Trata-se de um Curso diferenciado, específico para a formação superior de professores e professoras indígenas, sendo, suas aulas, divididas em etapas: a cada ano são realizadas duas etapas na UFG e duas em Terras Indígenas. Este artigo é, portanto, resultado das atividades realizadas

⁴ Agradecemos imensamente ao Renato Sikrbowê da Mata de Brito Xerente, pela “tradução” do título do artigo que, posteriormente, sofreu alteração; ao Silvano Sirmãwê Xerente pelo resumo e palavras-chave escritos, por ele, na língua Akwê-Xerente; e ao Leonardo Sawrepte Xerente, pela atualização do título, sugerida por um(a) dos(as) pareceristas, para Akwê-Xerente.

⁵ Akwê é o nome do povo, na língua originária, e significa o que é humano, gente. Xerente é o nome dado pelos não indígenas. Aqui são usados como termos intercambiáveis.

na etapa de maio de 2019, na Escola Estadual Indígena Sakruiwẽ, na aldeia Funil⁶. Esta faz parte da Terra Indígena Funil, um dos Territórios do povo Akwẽ-Xerente, e está localizada a 12 quilômetros de Tocantínia, estado do Tocantins.

A língua falada por este povo é a Akwẽ, pertencente ao tronco Macro-Jê, família Jê, ramo Jê Central (RODRIGUES, 1999) e conta com aproximadamente 3.300 (três mil e trezentos) falantes. A taxa de bilinguismo é alta nas comunidades Akwẽ-Xerente, visto que praticamente todos/as os/as adultos/as são proficientes, em maior ou menor medida, em língua portuguesa. E é exatamente sobre as questões linguísticas que este breve estudo está centrado. Quando perguntados/as sobre como os cortes do governo brasileiro, à educação, podem impactar as línguas indígenas, os/as estudantes revelam sua preocupação; para eles/as o “fortalecimento da língua através da escola” (SAKRUIKAWË XERENTE, 2019, comunicação oral)⁷ é inegável. Importante ressaltar que a pergunta feita se contextualiza no cenário político brasileiro, à época da realização da etapa (maio de 2019), de cortes de verbas da educação.

Antes de prosseguir, destacamos como se deu a escrita deste trabalho. Começamos com a atividade oral, isto é, um debate, acerca da pergunta geradora – “Como os cortes à educação pública ameaçam as línguas indígenas?” –, com todos/as os/as estudantes presentes na etapa. À medida que a discussão ia acontecendo, as respectivas falas iam sendo registradas pela professora Suety Líbia. Em um dado momento, começaram a se questionar se o uso das tecnologias do mundo do “branco”⁸, como por exemplo, a chegada da televisão, na aldeia, interferia ou não no uso da língua Akwẽ. Havia, ainda, entre os/as acadêmicos/as, uma hipótese de que morar próximo à cidade, interferia no uso da língua de origem que, aos poucos, poderia ser deixada de lado, em detrimento à língua majoritária da cidade, o português. Propusemos, então, dar uma pausa ao debate e andar pela comunidade Funil, aldeia onde a etapa estava acontecendo, a fim de realizar uma pesquisa sobre o uso da língua Akwẽ e da língua portuguesa e a chegada das novas tecnologias. Essa pesquisa, a princípio não fora planejada, mas vimos, a partir dos debates em sala de aula, a necessidade de se fazê-la para verificar se as hipóteses dos/as alunos/as eram, de fato, verdadeiras. A discussão apresentada neste artigo resulta dessa pesquisa com a comunidade.

⁶ Agradecemos a comunidade da aldeia Funil por terem nos recebido durante a etapa em Terra Indígena, na qual este trabalho foi realizado, especialmente, o cacique Elso Krẽsu Xerente pela acolhida calorosa e apoio incondicional a todas as atividades desenvolvidas.

⁷ Estamos chamando aqui de *comunicação oral* as falas dos/as acadêmicos/as Akwẽ-Xerente durante as atividades em Terra Indígena que motivaram a produção deste trabalho.

⁸ Leia-se: não indígena.

Aqui, é fundamental abordar a metodologia, usada pela turma, para a realização da pesquisa. Inicialmente, levaram um tempo para chegarem ao consenso em fazê-la ou não. Uma vez decidido por todos/as, analisaram detidamente o *como fazer?*; *qual o melhor horário*; *quais as melhores condições?*. Então, o primeiro passo foi chamar o Cacique da aldeia, Elso Krësu Xerente, a fim de pedir a autorização para a realização da atividade, na comunidade. O cacique, por sua vez, acolheu a ideia e asseverou que “a escola tem que entrar de cabeça”, assumindo seu papel fundamental de se “voltar para o aprendizado cultural”. De acordo com Anderson Simrihu Xerente, o “único espaço que a gente está tendo é o espaço da escola”, para a valorização da língua e da cultura Akwẽ.

Diante a autorização do Cacique, discutiram a formação dos grupos. O critério definidor era o de que, em cada grupo, deveria ter um/a estudante que tinha mais conhecimento com a comunidade Funil, para facilitar a recepção e a aceitação dos/as moradores/as frente a eles/as, ali, como os/as acadêmicos/as-pesquisadores/as da UFG. A distribuição dos grupos ficou assim:

Grupo I: Manoel Moreno Waikaizapari de Carvalho

- Romerito, Valnice, Genivaldo

Grupo II: Anderson Simrihu Xerente (professor da E. E. I. Sakruiwẽ)

- Jacira, Rafael, Ângela

Grupo III: Luis Fernando Srêwasa Xerente (morador da aldeia Funil)

- Edimar, Lenivaldo, Adalto, Valdirei

Grupo IV: Elivaldo Wakuke Xerente (professor da E. E. I. Sakruiwẽ)

- Nelson, Vanderley, Wesley, Gilmar

Um roteiro foi elaborado para que todos/as pudessem usar nas entrevistas. Decidiram, ainda, que, durante toda a abordagem, usariam somente a língua Akwẽ. Logo, as perguntas foram feitas na língua deles/as e, aqui, seguem com tradução, no Anexo I. Com o avançar das horas, ponderaram que a pesquisa não deveria ser feita mais pela manhã, pois não seria educado chegar às casas das pessoas, no horário do almoço. Dessa maneira, a pesquisa foi feita a partir das 15h, quando o sol já não estava mais tão quente. Organizaram-se entre si, dividindo a aldeia em quatro partes, visto que eram quatro grupos de pesquisadores/as. Assim foi realizada a pesquisa e, aqui, seguem os dados gerados e analisados, bem como as discussões iniciais, resultantes do debate. Estas compõem a primeira seção deste artigo.

1. "Como os cortes à educação pública ameaçam as línguas indígenas?"

Com a educação brasileira passando por um verdadeiro dismantelamento, nós, professores e professoras do Núcleo Takinahakỹ, tivemos como responsabilidade, especialmente na etapa de estudos de maio de 2019, discutir com as comunidades indígenas a respeito dos possíveis impactos que os cortes de verba pública, voltada para a educação, poderiam ter sobre as línguas indígenas. Assim, então, a etapa foi iniciada: como os cortes à educação pública ameaçam as línguas indígenas?

Anderson Simrihu Xerente dá início ao debate, afirmando que “antes do contato em geral, os povos indígenas tinham uma educação tradicional diferente do que tem no momento atual. Com os cortes, o impacto é grande porque as escolas estão sendo espaço de ensinamento de nossa cultura”. O estudante adverte que, atualmente, a escola é um dos principais espaços para se ensinar a cultura Akwẽ. Acrescenta que, com os cortes de verba, o impacto será grande “porque na escola tem os professores, muitos professores se formaram, outros estudam ainda nas universidades federais que oferecem essa educação diferenciada para discutir a educação indígena”.

Nessa hora, Anderson Simrihu demonstra preocupação com o Curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG, do qual ele e seus/suas colegas são alunos/as e que, por sua vez, forma inúmeros/as professores e professoras, de forma específica e diferenciada, para atuarem nas escolas indígenas, nas aldeias. Simrihu Xerente (2019), dessa maneira, vai detalhando como a ação do governo pode se configurar em ameaça a língua de seu povo:

A escola é espaço de fortalecimento da escrita. Antes era só oralidade. A escola trouxe essa ferramenta pra nós registrar, documentar [na nossa língua]. A educação básica está sendo importante na comunidade Akwẽ. Registrando os rituais, os cânticos, e muitas coisas que fazem parte da cultura. Impacto é tão grande. Sem educação, sem escola, sem professor, sem verba, como a gente vai trabalhar? Porque o que a gente aprendeu depois do contato, a gente aprendeu a escrever, a ler, no meu pensar, se continuar assim, vão tentar tirar nosso direito de ler e escrever, das crianças que estão vindo. A educação é a melhor solução pra um país melhor, pro mundo pra gente viver. Sem educação a gente não tem um caminho bom (SIMRIHU XERENTE, 2019, comunicação oral).

Nelson Srêpawẽ Xerente, ao evidenciar o caráter ancestral da língua, reitera: “A língua Akwẽ veio do passado, e a gente só falava, agora a gente tá escrevendo, a escrita, então com certeza, esse impacto vai dar, não pra gente deixar de falar, pra deixar de escrever, pra escrever vai ter grande impacto (SRÊPAWË XERENTE, 2019, comunicação oral).

Segundo Vanderley Sakruikawê Xerente, a falta de recursos vai interferir “nos registros e nas estruturas das escolas indígenas” (SAKRUIKAWÊ XERENTE, 2019, comunicação oral), o que para Rafael Dakukre Xerente significa retrocesso. O alerta deste estudante é sobre a importância de se ter uma educação específica para a formação indígena:

Com esses cortes, nós povos indígenas vai voltar, é retrocesso, não teremos condições de manter nossos filhos na faculdade. Faculdade particular não traz benefício pra nós, porque foca no individual, a gente perde pouco da nossa identidade[...]. Com essa formação indígena, nossas escolas deu uma alavancada, temos umas 50 pessoas formadas na nossa reserva, formados na licenciatura, contribui direta e indiretamente, registrando a sabedoria dos anciãos, registrando, documentando nossa cultura. Dentro desses 10 anos de existência do Núcleo, temos um doutorando, temos Akwê fazendo mestrado. Educação diferenciada pra que a gente não perca nosso conhecimento, aqui é diretamente com a comunidade, trabalhamos diretamente com nosso povo Akwê, esse é o diferencial. [...]. Aqui a gente às vezes entra em confronto, por estar fora de nossa realidade [as políticas públicas locais]. A gente está sendo atingido, os cortes vão fazer a gente voltar 30 anos atrás, eu não tenho condições, por exemplo, de pagar universidade pros meus filhos. No mercado das faculdades privadas não tem professor indígena, o professor indígena trabalha na comunidade. Os estágios não acontecem na aldeia, a maioria faz o estágio com os brancos (DAKUKRE XERENTE, 2019, comunicação oral).

Rafael é contundente, havendo cortes das verbas destinadas à educação, o Curso do qual ele faz parte fica ameaçado. É de conhecimento de todos/as os/as brasileiros/as que os cortes colocaram, sob ameaça, o funcionamento de todas as universidades públicas do país, conseqüentemente, o Núcleo Takinahakỹ e suas respectivas atividades ficam, obviamente, comprometidas. Há que se dar destaque, no depoimento do acadêmico Dakukre Xerente, às especificidades do referido Curso. Não é um curso comum: pensado e construído junto com os/as indígenas, a Licenciatura Intercultural visa fortalecer e valorizar as diferentes culturas e línguas dos povos indígenas contemplados por seus/suas os/as estudantes. O Extraescolar, trabalho final escrito para obtenção do título de graduado/a, surge das demandas das comunidades e a prioridade é que seja escrito na língua de origem do/a acadêmico/a. Os estágios, que também são pré-requisitos para a formação acadêmica, são realizados em suas próprias aldeias, diferentemente dos cursos regulares de graduação que, geralmente, são desenvolvidos na sociedade não indígena.

Por isso Anderson é tão assertivo: “o corte vai dar um impacto tão grande que antes mesmo de começar já estamos sentindo como vai ser, principalmente na valorização e documentação da nossa cultura, da nossa identidade. A gente tenta fortalecer e vem essa ação do governo pra tentar impedir” (SIMRIHU XERENTE, 2019, comunicação oral). Simrihu Xerente (2019) também coloca em debate, os avanços trazidos pela UFG, por meio da Licenciatura Intercultural, para a vida escolar dos/as Akwê:

A Universidade pública UFG, além de formar professores, ajuda a publicar nossos materiais didáticos, um tempo atrás não tinha tanto material. A UFG trouxe essa oportunidade de a gente trabalhar e produzir material didático. Foi importante pra nossa escola melhorar, porque a gente estava em falta, produziu tantos materiais que eu particularmente uso, minhas aulas tem melhorado, o que eu aprendi foi essencial para que minhas aulas melhorassem. Eu fico feliz com o trabalho que a universidade federal faz, a universidade dá valorização da nossa cultura, entende nossas dificuldades, o ensino tem melhorado muito. A qualidade de nossa educação não depende só de nós, depende do apoio do governo, com esse corte vai ter dificuldade de ter educação de qualidade (SIMRIHU XERENTE, 2019, comunicação oral).

É notório o reconhecimento dos/as estudantes quanto ao trabalho desenvolvido no Curso de Licenciatura em Educação Intercultural, oferecido pelo Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Assim, com o passar do tempo, vai se acentuando a reclamação dos/as acadêmicos/as, em geral, a respeito dos materiais didáticos que vêm da Secretaria Estadual de Educação. Estes são produzidos pelos não indígenas e, portanto, não contemplam os conhecimentos indígenas. Desse modo, quando Simrihu Xerente (2019) diz que a UFG “ajuda a publicar nossos materiais didáticos”, ele está se referindo aos materiais que contemplam os conhecimentos Akwẽ, pautados pela cultura e tradição Akwẽ, isto é, conhecimentos milenares repassados de geração em geração, pelos sábios e pelas sábias Akwẽ.

Chama muita atenção, ainda, a ênfase dada pelo acadêmico, à qualidade do ensino que melhorou depois da produção dos materiais didáticos. Por conseguinte, melhora também a sua atuação, como professor, visto que suas aulas ficam melhores depois das pesquisas realizadas tanto para os Estágios quanto para o Extraescolar, não somente as suas, mas de todos os/as colegas cursando ou que já terminaram o Curso. Não poderia deixar de destacar, jamais, que um dos grandes diferenciais desses materiais didáticos é o fato de serem produzidos na língua Akwẽ.

Para Elivaldo Wakuke Xerente, deixar de investir na educação, aliás, mais grave do que isto, diminuir a verba que já é insuficiente – “o ano passado já teve atraso, merenda, materiais, esse ano [2019] vai piorar mais ainda, a gente como professor tá vendo o que tá acontecendo” –, é condenar a educação indígena ao isolamento:

a gente vem vendo, eu acho que a nossa educação está pra ser isolada, com isso a gente perde muita coisa, a futura geração vai sofrer com isso, a gente tá pra ser rebaixado, isolado como antes, mas o que a gente tá aprendendo, vai ficar difícil viver isolado, tanto na educação como o modo de vida que a gente vem levando, muita coisa é a educação que traz pra nós, convivência, sustentabilidade (WAKUKE XERENTE, 2019, comunicação oral).

Ao falar em “convivência” e “sustentabilidade”, Nelson Srêpawê Xerente lembrou que “tem povo sofrendo por causa da língua, não sei se é pelo contato. Tem povo que não consideram mais como índio. Xacriabá vieram pra cá pra aprender a língua escrita. Aprenderam e depois voltaram pra lutar pelos direitos deles” (SRÊPAWÊ XERENTE, 2019, comunicação oral). Com isso, Srêpawê Xerente levanta a complexa questão da desindianização do índio em razão da língua, isto é, estereotipar, estigmatizar, inferiorizar indígenas que não falam suas línguas originárias, colocando em xeque os direitos garantidos, inclusive, pela Constituição. Adalto Pizumêkwa Pereira Xerente, por sua vez, eleva o grau de complexidade para a problemática do Território: “deixar de falar a língua é um problema de território também. Daqui a pouco vão dizer que não somos mais índios e tomar nossas terras” (PIZUMÊKWA P. XERENTE, 2019, comunicação oral).

Os/as estudantes Akwê concordam, unanimemente, que os cortes de verbas da Educação afetam as escolas indígenas, logo, ameaçam as línguas indígenas, haja vista ser a escola o espaço principal de fortalecimento da língua escrita. Pesarosamente, Dakukre Xerente (2019) relata que os anciãos e as anciãs estão morrendo, “isso torna nossa existência muito frágil, o que tem ficado são nossos registros, vídeos, na minha aldeia quase não tem mais festa cultural [...] O conhecimento do ancião é único” (DAKUKRE XERENTE, 2019, comunicação oral). Assim, Rafael Dakukre Xerente fala da urgência de se registrar, documentar, por escrito, todo esse conhecimento dos/as anciãos/ãs. O que para a Jacira Sekwahidi de Brito Xerente só é possível se tiver garantido o bom funcionamento das escolas, pois “a educação tradicional está sendo fortalecida pela educação escolar. A educação fortalece os nossos conhecimentos” (SEKWAHIDI B. XERENTE, 2019, comunicação oral).

Diante da situação de ameaça, os/as acadêmicos/as Akwê reconheceram a necessidade de se investir em políticas linguísticas eficazes. Ao final do debate a pergunta era: Será que a língua Akwê está ameaçada? Isso gerou a curiosidade acerca da vitalidade da língua Akwê, na aldeia Funil, como uma amostra da realidade linguística Akwê, nos Territórios Funil e Xerente.

2. Aldeia Funil e a vitalidade da língua

Nesta seção, apresentaremos os dados quantitativos da pesquisa, resultantes da aplicação do questionário piloto, em algumas casas da comunidade da aldeia Funil. Como veremos adiante, os dados encontrados serviram para desfazer preconceitos e imagens equivocadas que, não somente os/as alunos/as do curso de Educação Intercultural, diversos/as Akwê-Xerente têm sobre a vitalidade e uso da língua, na aldeia Funil. Dentre essas impressões enganosas, destacamos a crença de que “por estar próxima da cidade de Tocantínia, a língua Akwê é menos utilizada na Funil”; e de que “a chegada de aparelhos eletrônicos, em especial, o celular, faz com que a língua se enfraqueça”. O questionário pode ser encontrado, juntamente com uma tradução para o português, no Anexo I; e os dados tabulados são apresentados, na íntegra, no Anexo II.

2.1 O questionário

Os/as estudantes produziram, em um primeiro momento, um questionário piloto para ser aplicado nas casas da aldeia Funil, com base na discussão prévia sobre a vitalidade da língua Akwê; o seu uso no cotidiano; as ameaças sofridas; e sobre o papel da escola na preservação do idioma. Para a produção deste questionário, foram levadas em consideração as afirmativas mencionadas, anteriormente, que povoam o imaginário coletivo da população Akwê-Xerente, qual seja, a língua está ameaçada em razão da proximidade com a cidade e do uso intensivo de novas tecnologias.

Após a confecção do questionário, os/as alunos/as foram a campo para a aplicação das perguntas. Dividiram-se em 4 grupos, dois deles com cinco alunos/as cada, e os outros dois com quatro. A aldeia foi dividida em regiões, para tentar abarcar o maior número de casas possível. Dado o tamanho extenso da comunidade e o tempo exíguo, nem todas as casas receberam a visita dos/as alunos/as-pesquisadores/as. Na próxima subseção, mostramos os resultados quantitativos encontrados.

2.2 Resultados dos questionários

Foram aplicados questionários em 24 (vinte e quatro) casas da aldeia Funil. Estas casas abarcam 128 (cento e vinte e oito) pessoas, compreendendo aproximadamente 3,8% da

população Akwẽ-Xerente que contava, em 2013, com 3.356 (três mil trezentos e cinquenta e seis) indivíduos (SIASI, 2013)⁹. Sendo a aldeia Funil a maior do Território de mesmo nome, acreditamos que os dados coletados pelos alunos/as-pesquisadores/as sejam significativos e demonstram um cenário que pode ser estendido às demais aldeias da região.

Quanto à presença de eletrodomésticos e produtos eletroeletrônicos nas casas, a maior parte delas têm aparelhos de televisão (75%), celulares (79,2%), geladeiras (87,5%) e aparelhos de som (62,5%). O fato de mais da metade das casas contar com aparelhos de TV e de som demonstra que a maior parte das pessoas tem contato com a língua portuguesa, já que não há programas televisivos e de rádio em língua Akwẽ.

Ainda destacamos uma alta taxa de celulares nas casas, por um lado, e a baixa presença de computadores, por outro. O acesso a informações se dá em português, visto que, assim como no caso dos programas televisivos e de rádio, não há *sites* escritos na língua indígena. Por outro lado, o uso de redes sociais como *Facebook* e, principalmente, o *Whatsapp*, é mediado muitas vezes pelo uso escrito e oral da língua Akwẽ. A internet é majoritariamente acessada pelo celular, na comunidade da aldeia Funil, dado que apenas 16,7% das casas contam com um computador.

Por fim, destacamos que das 24 casas visitadas, em 19 fala-se o Akwẽ, o que corresponde a quase 80%. Nas outras 5 casas (aproximadamente 20%), utiliza-se tanto a língua indígena quanto o português; e em nenhuma das famílias consultadas o português é a única língua de comunicação doméstica.

Estes dados demonstram que apesar da proximidade com a cidade de Tocantínia (cerca de 12 km da aldeia Funil até o centro do município) e de um uso intensivo de aparelhos eletrônicos (exceto computadores), a língua Akwẽ se mantém forte dentro da aldeia. O fato de a língua Akwẽ ser usada em 100% das casas é um sinal de vitalidade, já que as crianças são expostas a ela, garantindo, assim, a sua continuidade. Os dados apresentados ainda desmistificam o preconceito de que na aldeia Funil a língua está se enfraquecendo. Como visto acima, apesar da proximidade física e virtual com a sociedade *ktãwanõ* (não indígena), o Akwẽ se mantém forte na comunidade.

⁹ Apesar de constar no formulário uma pergunta para quantificar o número de homens e mulheres em casa (item 4 do formulário, ver Anexo I), problemas no preenchimento nos fizeram descartar esses dados, já que a somatória de homens e mulheres não era igual ao valor total de pessoas respondido no item 3.

3. O olhar dos/as estudantes sobre as experiências vivenciadas com a pesquisa

Impressionante o entusiasmo de cada aluno/a, ao retornarem das casas, depois de aplicados os questionários. Ficaram bastante surpreendidos/as com os resultados e com a riqueza da experiência que vivenciaram com aquela atividade de pesquisa.

O Grupo I relatou a experiência desde o momento da chegada, nas casas, que foi facilitada por causa de um dos pesquisadores/as ser conhecido, na comunidade: “Uma experiência rica. Romper com medo de lidar com as pessoas. O fato de eu ser conhecido facilitou para chegar nas casas e as pessoas receberem” (WAIKAIZAPARI DE CARVALHO, 2019, comunicação oral). Valnice Kuzadi reitera:

Experiência riquíssima. Alguns tiveram resistência, timidez, impressionante o olhar, quebrou o tabu, por ser próximo da cidade diziam que aqui não falavam Akwê, e na nossa pesquisa vimos que só falavam a linguagem. [...]. Todas as casas que passamos declararam que falam Akwê. Quebrou o tabu. Todos tinham TV, geladeira... as pessoas não conheciam os nomes dos objetos em Akwê, TV, computador, geladeira. As duas línguas quem falam mais são os mais jovens. Os mais de idade usam só Akwê, português só quando vai falar com branco (KUZADI M. DE BRITO, 2019, comunicação oral).

O depoimento de Valnice Kuzadi revela que ter em casa as novas tecnologias e morar próximo à cidade não significa que a língua deixará de ser falada. É o que aponta Genivaldo Romkre, “fiquei ansioso pra ouvir eles. Nós, de outras aldeias, escutamos né, que tá perdendo a linguagem, mas não é” (ROMKRE O. XERENTE, 2019, comunicação oral). Romerito Sôzê, por sua vez, acentua: “aqui só fala em Akwê. Pra mim foi bom essa experiência. A língua não vai acabar não” (SÔZÊ XERENTE, 2019, comunicação oral). Apesar da afirmação de Sôzê Xerente de que a língua não irá acabar, subjaz, à sua fala, a preocupação existente, entre eles/as, de a língua deixar de ser falada, em razão dos impactos resultantes dos diferentes tipos de contato com o mundo não indígena.

“A primeira entrevista durou 30 minutos”, nos adiantou Anderson Simrihu, do Grupo II. Ele continua: “coletamos os dados que a gente queria. Cada um aprendeu nessa pesquisa” (SIMRIHU XERENTE, 2019, comunicação oral). Jacira Sekwahidi, por seu turno, demonstra admiração a respeito da primeira entrevista que realizou: “era um filho de um ancião antigo. E ele falou muito. A coisa chega de surpresa. Ele é todo tradicional: não tem geladeira, não tem televisão, não usa celular. Ele conversa com a esposa de madrugada, canta com a esposa de madrugada. As famílias usam as coisas tradicionais, buriti, cofo, flecha” (SEKWAHIDI B.

XERENTE, 2019, comunicação oral). Jacira, em suas próprias palavras, ficou surpresa, pois mesmo após o contato com a sociedade não indígena, o seu entrevistado mantém-se indiferente às tecnologias e fiel “às coisas tradicionais”.

Além disso, Rafael Dakukre faz um alerta sobre a necessidade de se “saber entrevistar de acordo com o entrevistado [...], o ancião a gente tem que saber chegar, falar com ele. Tem que saber falar” (DAKUKRE XERENTE, 2019, comunicação oral). O Grupo II registrou, ainda, algumas das preocupações manifestadas em suas entrevistas, como por exemplo, uma pessoa “preocupada com o filho mais novo com o uso do celular”; outra com “os nomes de branco, daqui a pouco tudo Maria, João...”. E contrariando a hipótese inicial de que a língua Akwẽ não era mais falada, na aldeia Funil, as pessoas, de um modo geral, disseram para o Grupo II, que “o uso do português é só pra dizer os objetos dos brancos que chegaram nas casas”.

De acordo com Luis Fernando Srêwasa Xerente, morador da aldeia Funil, um dos entrevistados, no Grupo III, “em nenhum momento da fala ele usou português. Contou histórias do passado. Importante ouvir as experiências que ele passou” (SRÊWASA XERENTE, 2019, comunicação oral). Luis Fernando Srêwasa observou que “só as mulheres estavam em casa, à tarde. Perguntamos se podia sentar. Falou dos jovens que não se dedicam pra língua. Muitos jovens não conhecem palavras que o ancião fala. Ouvi da mulher que o português é importante também” (SRÊWASA XERENTE, 2019, comunicação oral). Aqui, percebemos a diferença geracional se manifestando na língua. Na experiência de Lenivaldo Srãpte Xerente, “desde a convivência na família é a língua Akwẽ. Todo ancião tem a preocupação com a cultura que mudou muito. Ele só agradeceu. Falou ‘esse papel de vocês é fundamental’” (SRÃPTE XERENTE, 2019, comunicação oral).

Elivaldo Wakuke, do Grupo IV, resumiu em “aprendizado”, ao lembrar que “as mulheres Akwẽ não conversam com estranhos, nem com homens” (WAKUKE XERENTE, 2019, comunicação oral). Se tivessem se lembrado disso, teriam distribuído melhor, as mulheres da turma, de forma a garantir pelo menos uma em cada grupo. Em síntese, o grupo IV afirmou que “apesar da tecnologia, quase todos tinham televisão, celular, alguns tinham até computador, mas eles disseram que isso não interfere pra não usar a nossa língua. Ideia que tivemos na próxima etapa é convidar a comunidade para nos conhecer, agradecemos as mulheres que nos receberam”.

Este grupo salientou o quanto a experiência foi significativa para desconstruir falsas impressões que acabam por gerar preconceitos entre eles/as mesmos/as, de diferentes aldeias e regiões: “Existe preconceito entre as regiões. Rio Sono, Brupre, Brejo Comprido acham que

Funil e Porteira não valorizam a cultura. Funil e Porteira acham que Rio Sono, Brupre, Brejo Comprido são desinformados”. Em outras palavras, se perto da cidade, não valorizam a cultura; se longe da cidade, são desinformados. No entanto, o resultado da pesquisa “não foi o que o pessoal das outras regiões pensam daqui. Era preconceito” (KUPSINÃ S. XERENTE, 2019, comunicação oral). Vanderley Sakruikawê completa: “Mudei minha opinião. Nossa cultura permanece” (SAKRUIKAWÊ XERENTE, 2019, comunicação oral).

Algumas considerações

Considerando o constante e violento movimento da sociedade não indígena em desindianizar o/a índio/a, o medo de perder a língua foi se acentuando entre os povos indígenas em geral. Mesmo quando a língua originária é vivaz em determinados povos, como é o caso dos/as Akwê-Xerente, a inquietação é imanente, haja vista se tratar de povos subalternizados, minorizados, em desigualdade e desvantagem política, econômica e demográfica. As relações conflituosas e de discriminação contra os/as indígenas os/as colocam sempre em alerta quanto à manutenção dos elementos que, ao longo do tempo e do senso comum, foram sendo usados para defini-los (ou não) como índios/as.

Nas relações diárias com os/as “brancos”, os/as indígenas são interpelados/as a todo o momento quanto a sua identidade indígena. Isso gera medo e preocupação em relação à vitalidade da língua, mesmo ela estando em pleno vigor em seus territórios, assim como mostrou o resultado da pesquisa realizada na aldeia Funil, ou seja, 100% das casas falam a língua Akwê. Os resultados mostram, dessa maneira, uma língua forte. Foi assim que os/as acadêmicos/as a definiram, no final da pesquisa.

Os resultados desta atividade são similares ao de outro estudo sobre a situação sociolinguística do povo Akwê, realizado por Silva *et al.* (2017), o qual mostra a efetiva vitalidade da língua, nas comunidades pesquisadas, “a língua Akwê predomina em todas as aldeias e faixas etárias como sendo a mais falada. O português aparece em segundo lugar” (SILVA *et al.*, 2017, p. 354).

Ressaltamos que este é um tema de estudo recorrente entre os/as pesquisadores/as Akwê, o que confirma a preocupação que possuem a respeito do uso (ou não) da língua, razão pela qual, muito provavelmente, a língua se mantenha forte, como trazem os resultados das diferentes pesquisas realizadas. Para citar outros dois trabalhos, entre os mais recentes, temos

o artigo da Silva Xerente (2018), cujo título é “A língua Akwẽ e a língua portuguesa em contato: ameaça ou enriquecimento linguístico?”. De acordo com a autora,

o povo preserva muito a língua Akwẽ e os conhecimentos que são passados através dela. O uso de português é feito sim, em especial, pelos mais jovens, mesmo assim, todos eles têm a consciência de que a valorização de sua língua materna se faz necessário para a manutenção dos saberes tradicionais (SILVA XERENTE, 2018, p. 416-417).

O outro é o Extraescolar de Kumrizdazê Xerente (2016), intitulado “Neologismo em Akwẽ: criação de palavras novas em Akwẽ para nomear ações e objetos não indígenas”. Em sua pesquisa, Kumrizdazê Xerente sugere, para os objetos e aparelhos tecnológicos que chegam de fora, na comunidade, “nomes em língua materna para a comunidade Akwẽ, com o objetivo de contribuir no fortalecimento e manutenção da língua e das práticas gerais da cultura” (KUMRIZDAZÊ XERENTE, 2016, p. 12).

O Extraescolar de Kumrizdazê Xerente é de 2016. Observamos que o povo Akwẽ continua temendo a interferência do português no uso de sua língua. Os/as entrevistados/as, da aldeia Funil são unânimes em falar da preocupação que tem com o fato de os/as jovens “misturarem muito as línguas”, falam da preocupação com a chegada das tecnologias que, com elas, trazem o português. Sabe-se que, no espaço de uma geração, uma língua pode deixar de ser falada e nossos/as alunos/as parecem ter consciência da ameaça que o contato com o português traz à vitalidade de sua própria língua. Um exemplo claro disso pode ser visto nas comunidades do povo Gavião Kÿikatêjê, do estado do Pará, que, após o contato com o Serviço de Proteção ao Índio, em meados da década de 1970, praticamente deixou de falar sua língua. Hoje, apenas os/as indígenas da época do contato e 10% dos homens da geração seguinte são proficientes na língua. Mulheres desta mesma geração e pessoas das gerações subsequentes são proficientes apenas em português (COSTA e BARBOZA, 2016, p. 114).

Ficou patente nas discussões, entre os/as acadêmicos/as, que as políticas linguísticas devem ser sempre adotadas para que a língua Akwẽ permaneça forte, uma vez que a compreensão geral é: *“nós dominamos as duas línguas. A gente está nesse mundo todo dia, não tem como fugir, não consegue falar só no Akwẽ. O importante é saber usar as duas línguas. Como a língua se mantém viva? Em uso, praticando”*. Um dos principais agentes de implementação dessas políticas, de acordo com os/as alunos/as, deve ser a escola. No espaço escolar, as práticas de valorização linguística podem ser sistematizadas e fortalecidas, logo, cortes financeiros à educação escolar indígena são, de fato, uma ameaça a vitalidade das línguas indígenas.

Salientamos que foram muitos os aprendizados. Os/as alunos/as puderam observar que o tempo para a execução da atividade foi curto, queriam ter tido mais tempo para aplicar os questionários em todas as casas que cada grupo ficou responsável. Em contrapartida, eles/as puderam experienciar uma metodologia de pesquisa a qual tinham contato apenas superficialmente.

Foi uma atividade que, acima de tudo, possibilitou a desconstrução de estereótipos. Afinal, a hipótese inicial não se confirmou. Ao perceber que a situação da aldeia Funil era similar a das demais aldeias, mais afastadas do núcleo urbano do município de Tocantínia, os/as estudantes puderam concluir que um maior contato com a cidade e com as novas tecnologias trazidas pelas relações com os/as *ktâwanõ*, não são necessariamente uma ameaça à vitalidade da língua Akwẽ.

Referências

COSTA, Lucivaldo Silva da; BARBOZA, Tereza Maracaipe. Situação sociolinguística dos Gavião Kÿikatêjê: Conflito diglótico entre as línguas indígena e portuguesa. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 8, n. 1, p. 107-119, 2016.

KUMRIZDAZÊ XERENTE, José. *Neologismo em Akwẽ: criação de palavras novas em Akwẽ para nomear ações e objetos não indígenas*. 2016. Extraescolar (Graduação em Ciências da Linguagem) – Curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahakÿ de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164-206.

SIASI. SISTEMA DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE INDÍGENA. *Dados populacionais indígenas por diversos parâmetros de análise*. 2013. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/70-sesai/9518-siasi>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

SILVA, Léia de Jesus, *et al.* Um breve relato sobre a situação sociolinguística do povo Akwẽ-Xerente (Jê). In: NASCIMENTO, André Marques (org.). *Apointamentos sobre a situação sociolinguística de comunidades indígenas da região Araguaia-Tocantins e Xingu: olhares de docentes indígenas*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2017. p. 351-365.

SILVA XERENTE, Sílvia Letícia Gomes. A língua Akwẽ e a língua portuguesa em contato: ameaça ou enriquecimento linguístico?. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 3, n. 1, 11 out. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/55390>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ANEXO I
FORMULÁRIO DE PESQUISA (COM TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
NÚCLEO TAKINAHAKÿ DE FORMAÇÃO SUPERIOR INDÍGENA
CURSO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
ALDEIA FUNIL – E. E. I. SAKRUIWË – 22/05/2019

PCC: “COMO OS CORTES À EDUCAÇÃO PÚBLICA PODEM AFETAR AS LÍNGUAS INDÍGENAS?”¹⁰

Nhanê wab za Akwê nōrĩ wat sdanār?

[Como vamos fazer as perguntas aos Akwê?]

1. Wasi waskun

[Como vamos nos apresentar]

2. Wapkê tô nã wasi waskun

[Estamos felizes de estar aqui]

3. Nhap kriwa dahêmba?

[Quantas pessoas moram aqui na casa?]

4. Nhap pikō kâtô ambâ?

[Quantas são mulheres e quantos homens?]

5. Nhanê hãp ktâwankō nim ro aisim mård?

[Que tipo de aparelhos vocês têm?]

() Dahêmba wairbeze

[TV]

() Târa porê, damrmêze

[Celular]

() Rom wahâ ze

[Geladeira]

() Târa hrâ têhâ ze

[Aparelho de som]

() Dakrãĩ nmi zamã

[Computador]

6. Nhanê bza tômnê krda sis das kbâ pês?

[Como vocês se comunicam dentro de casa?]

() Ktâwankō mrmêze bâ

[Em português]

() Akwê mrmêze

[Em Xerente]

() Bâ tô siwa

[As duas igualmente]

¹⁰ Um(a) dos(as) pareceristas anônimos(as) nos pediu para que mudássemos o título do formulário, porém não o fizemos pois se trata da pergunta motivadora da etapa em Terra Indígena que resultou este trabalho, além de constar na versão original do formulário.

ANEXO II
DADOS TABULADOS

Casa	peessoas	mulher	homem	TV	Celul.	Gelad.	Som	Comput.	Língua
1	4	2	2	1	1	1	1	0	Akwẽ
2	3	1	2	1	1	1	0	0	Akwẽ
3	3	3	2	1	0	0	1	0	Ambos
4	6	3	3	1	1	1	0	0	Akwẽ
5	8	2	3	1	1	1	1	0	Akwẽ
6	4	3	1	1	1	1	1	0	Akwẽ
7	5	3	2	0	0	0	0	0	Akwẽ
8	6	4	3	1	1	1	1	0	Akwẽ
9	7	3	2	1	1	1	0	0	Ambos
10	6	2	4	1	1	1	0	0	Akwẽ
11	3	3	0	0	1	1	1	0	Akwẽ
12	6	2	4	1	1	1	0	1	Ambos
13	2	1	1	0	0	0	0	0	Akwẽ
14	4	2	2	1	1	1	1	1	Akwẽ
15	5	1	4	1	1	1	0	0	Akwẽ
16	4	1	3	1	0	1	1	0	Akwẽ
17	9	3	3	0	0	1	1	0	Akwẽ
18	3	2	1	0	1	1	0	0	Akwẽ
19	4	2	2	1	1	1	1	1	Ambos
20	6	3	2	1	1	1	1	0	Ambos
21	6	4	2	1	1	1	1	0	Akwẽ
22	6	3	3	0	1	1	1	0	Akwẽ
23	4	3	2	1	1	1	1	0	Akwẽ
24	14	5	9	1	1	1	1	1	Akwẽ
Total	128	61	62	18	19	21	15	4	Akwẽ = 19 / Ambos = 5
				75,00%	79,17%	87,50%	62,50%	16,67%	Akwẽ = 79,17% / Ambos = 20,83%

Legenda: Nos campos *TV*, *Celul.*, *Gelad.*, *Som* e *Comput.*, o número 0 indica ausência do aparelho na casa, enquanto o número 1 indica que há pelo menos um aparelho em uso por alguém da casa.

Notas: Preferimos colocar aqui todos os dados coletados. As caixas com os dados indicados em vermelho indicam campos em que a somatória de mulheres e homens presente no relatório não corresponde à resposta do total de pessoas. Os dados das colunas *mulher* e *homem* não foram considerados na nossa análise, devido tal problema.

Submetido em 3 de junho de 2020.
Aceito em 21 de setembro de 2020.
Publicado em 22 de setembro de 2020.